



URGÊNCIAS FOTOGRÁFICAS: VESTÍGIOS DE MEMÓRIAS TRÁGICAS DA ENCHENTE EM PAISAGENS DE LEANDRO SELISTER

PHOTOGRAPHIC URGENCIES: VESTIGES OF TRAGIC MEMORIES OF THE FLOOD IN LEANDRO SELISTER'S LANDSCAPES

Niura A. Legramante Ribeiro¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Não Associada da ANPAP

RESUMO

Este artigo tem como foco a análise das fotografias da série *Marca d'água*, realizadas pelo artista Leandro Selister, com representações de paisagens urbanas de Porto Alegre, após o fenômeno climático devastador da enchente de 2024. Logo após as águas baixarem, o artista percorreu vários bairros da cidade registrando, a partir da câmera do seu celular, vestígios pigmentados das marcas das águas nas paredes dos prédios. Selister se fotografou em frente a essas paisagens urbanas, utilizando a medida de seu corpo de 1,71m para demonstrar a altura a que as águas chegaram e, assim, dar a dimensão da tragédia. Esta série de fotografias tem um papel importante no sentido de conscientizar as pessoas para preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Vestígios de enchente. Porto Alegre. Memórias trágicas. Fotografia contemporânea. Leandro Selister.

ABSTRACT

*This article focuses on the analysis of photographs from the *Marca d'água* series, taken by artist Leandro Selister, with representations of urban landscapes in Porto Alegre, after the devastating climatic phenomenon of the 2024 flood. Soon after the waters receded, the artist traveled through several neighborhoods of the city, recording, using his cell phone camera, pigmented traces of the water marks on the walls of buildings. Selister photographed himself in front of these urban landscapes, using his body measurement of 1.71m to demonstrate the height the waters reached and, thus, to give an idea of the scale of the tragedy. This series of photographs plays an important role in raising awareness about environmental preservation.*

Keywords: *Flood vestiges. Porto Alegre. Tragic memories. Contemporary photography. Leandro Selister.*

A catástrofe é uma quebra na continuidade temporal e nos deixa sem certezas sobre o futuro — que parece indeterminado e preocupante. (...) A observação das consequências de um grande desastre cria uma forma de estase temporal; isso leva à incapacidade de se projetar no futuro, levando a um retorno ao curso anterior dos acontecimentos (...) (Méaux, 2022, p. 90).



I - Introdução: o senso de urgências

O inimaginável aconteceu. Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul vivia uma de suas experiências mais traumatizantes da sua história, a grande enchente que assolou grande parte do território gaúcho. A água, a lama e o esgoto invadiram espaços de vidas, antes estáveis. Vieram as águas de cores barrentas, em quantidades e intensidades violentas, que cobriram sonhos, destruíram aconchegos familiares, espaços de trabalhos, sequestrando memórias que ficaram para sempre aprisionadas.

As ruas pareciam rios. Um sentido de urgência tomou conta do cotidiano das pessoas: para salvar vidas resgatando pessoas e animais que esperavam nos telhados das casas fugindo das águas mortais. Era urgente encontrar pessoas a tempo, antes de serem soterradas pela lama ou perecerem afogadas. Assistia-se a imagens doloridas de pessoas com a roupa do corpo molhada e cobertas de lama, agarrando-se a galhos, a restos de construções, a qualquer elemento que representasse um porto seguro em uma tentativa desesperadora de sobrevivência. Pessoas no segundo andar das casas ou nas janelas de prédios resistindo em deixar suas residências por medo de saques ou para não abandonar seus animais de estimação; outros corpos sendo içados pelos telhados de casas submersas. Crianças, jovens, adultos e idosos sendo carregados pelos heróis sem capas em *jet skis*, barcos e helicópteros, imagens que faziam aflorar a emoção. Sons de ambulâncias e de helicópteros pelas cidades, dia e noite, lembravam uma guerra; de fato, era uma guerra.

As residências, mesmo que fisicamente intactas, eram habitadas por almas destruídas por ver, incessantemente, imagens chocantes veiculadas nas mídias: chegadas em terra firme de corpos humanos e de animais, trêmulos, ensopados de águas podres e com hipotermia, com fome, com sede, com frio. Outros corpos nem fôlego de vida tiveram, pois foram encontrados soterrados, alguns abraçados e afogados. A água que sacia é a água que mata. Infinitas notícias de finitudes de vidas; falas que faziam chorar, como o relato de um socorrista sobre uma criança



dentro de um barco, que, ao ser resgatada, pediu a ele que pegasse uma boneca que boiava ao lado, mas não era uma boneca, era o corpo morto de um bebê.

De uma hora para outra, não ter mais para onde voltar, ter suas memórias soterradas por água e lama, perder pessoas queridas, familiares e amigos(as) e, pior, tudo irrecuperável. Passado o momento crítico, quando as pessoas voltaram para ver o que havia sobrado, imagens difíceis de lidar, como a de um senhor de mais de setenta anos que voltava a sua casa nos poucos dias de sol, e ali passava os dias, solitário, sentado sobre uma pedra em cima de um piso de ladrilhos que restou de onde habitava e disse, ao ser entrevistado: “aqui é a minha casa”. Tudo ao redor era terra arrasada em meio a escombros. Ouvia-se vozes embargadas dizendo que não tinham mais nada, outros dizendo que há pouco haviam reformado a casa. Mobiliário que virou entulho, comida que virou lixo. Um acontecimento com o teor de gravidade como foi a enchente causa mudanças na percepção coletiva sobre o lugar:

Um acontecimento grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar (...) não será mais a mesma memória coletiva e nem o mesmo ambiente material. (...) Um grupo urbano não tem a impressão de mudar, enquanto os aspectos da rua e dos edifícios permanecem os mesmos (Halbwachs, 1968, p. 133-134).

Uma vez em terra firme, pensava-se que se podia estar seguro, que o sofrimento havia sido amenizado, mas, em alguns espaços de acolhimento, as situações de violências físicas e psicológicas, que já existiam anteriormente nos lares por parte dos próprios familiares, continuavam acontecendo, mesmo em meio ao coletivo que habitava um mesmo espaço. Não havia conforto.

Então, como ainda encontrar força para ser resiliente? Como seguir em frente com a vida? Mas que vida? Quando tudo parece ter passado, a gente ouve: “hoje eu consegui um fogão e um colchão, já posso voltar para minha casa com meu filho”. Se o tempo não apaga o trauma, pode amenizar ou dar esperança de que dias melhores poderão vir. Ao menos, a empatia pela dor do outro e a solidariedade foram os suportes para reconstruções de vidas. Felizmente, uma rede de



solidariedade do Brasil inteiro, e mesmo de parte do exterior, imediatamente veio em socorro às necessidades mais imediatas.

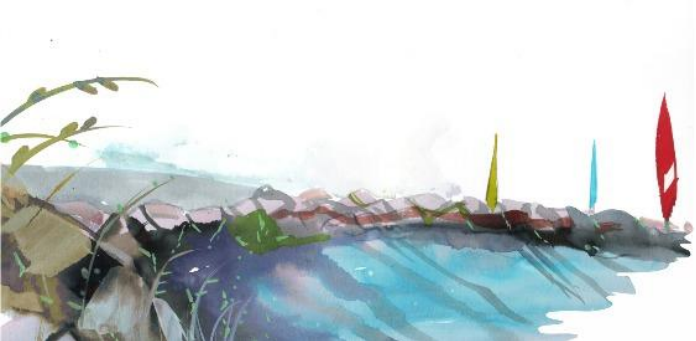
Eram tempos de silêncios, de espera por um tempo melhor que haveria de vir. Viveu-se tempos de incertezas. Resiliência, resiliência e mais resiliência. Diante das ruínas do que sobrou da enchente, o que fazer? Qual a saída de emergência? O que esperar do futuro? O tempo realmente parecia que havia parado, dias pareciam anos, buscava-se palavras e imagens que alimentassem a esperança de dias melhores.

II - *Marca d'água* (2024) e a medida do corpo em paisagens traumáticas: Leandro Selister

O quanto podem pesar as imagens na lembrança? Como a imagem se relaciona com o que ela representa? Como a gente se identifica com as imagens? Quando se narra, por meio de imagens, um evento trágico, o que se quer dizer com as imagens? Uma resposta a isso foi proposta pelas fotografias da enchente, em Porto Alegre, realizadas pelo artista Leandro Selister, na série *Marca d'água* (2024).

Em Porto Alegre, o lago Guaíba transbordou e a enchente chegou em 03 de maio de 2024.² Após as águas baixarem, em 02 de junho desse ano, o artista começou a percorrer diversos bairros de Porto Alegre em busca do registro das marcas das águas nas paredes de prédios, como dos Correios e de alguns edifícios ligados à Cultura como o MARGS, o Farol Santander, a Casa de Cultura Mário Quintana, o Paço Municipal, dentre muitos outros edifícios públicos, de comércios e residenciais.

O título da série *Marca d'água* é muito apropriado, já que, segundo a tradição, a feitura da *Marca d'água* deveria ser realizada enquanto o papel estivesse molhado e somente adquiria visibilidade quando o papel era colocado contra a luz ou quando estava molhado. Além disso, a marca d'água carrega a ideia de autenticidade de uma propriedade, portanto, uma marca que carimba um atestado de presença de



que a enchente ocorreu, mas, ao contrário do sentido original, as marcas ficaram visíveis após as águas baixarem.

A primeira foto foi realizada no Mercado Público de Porto Alegre e postada no *Instagram* no mesmo dia. Ao se fotografar nesse local, percebeu que poderia começar uma série que resultou em mais de seiscentas fotografias captadas em imagens de celular. Então, deu início a uma série de registros fotográficos, usando como parâmetro a estatura de seu corpo, de 1,71m, para mostrar a altura que a água atingiu nas superfícies das paredes. Inventariar esses espaços, como ele afirma, foi uma

tentativa de entender a dimensão dessa tragédia e os níveis absurdos de onde a água chegou. Para isso, utilizei meu corpo como parâmetro, percorrendo vários bairros da cidade em busca dessas marcas de lama que ficaram pelas paredes, como prova incontestável da invasão das águas e de sua destruição (...) Através dessas imagens, registro essas marcas que acompanharão para sempre todos aqueles que viveram e presenciaram essa tragédia. Mesmo após a limpeza das cidades e com a retomada da vida, elas seguirão marcantes, profundas e definitivas no imaginário de cada um dos gaúchos (Selister, 2025, p. 1).

Selister colocou-se em pé de costas para as paredes de edifícios olhando frontalmente para a câmera que o registrava (Imagem 1). Ao olhar frontalmente para quem vê essas paisagens, o artista parece procurar um engajamento dos olhares e uma busca por se colocar no lugar daquele que ali vivia. Pode-se perceber que em alguns locais, a água ultrapassou a altura do seu corpo. Segundo o artista, há lugares que a água ultrapassou os 4m, como na região do Quarto Distrito.³



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Leandro Selister. *Marca d'água*, Avenida Rio Grande, Bairro São Geraldo, 2024. Fotografia com celular, 50 x 40cm. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 2. Leandro Selister. *Marca d'água, Farol Santander*, 2024. Fotografia com celular, 50 x 40cm. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.



Imagem 3. Leandro Selister. *Marca d'água, Avenida Praia de Belas*, 2024. Fotografia com celular, 50 x 40cm. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.



A pose do seu corpo enrijecido, em pé e com os braços dispostos ao correr do seu tronco e se apresentando de forma inerte, antinaturalista, pode ser muito simbólica. É a experiência do corpo que carrega o trauma de passar por uma situação de catástrofe, sendo a parte mais frágil que primeiro se deve proteger; é nele que está a vida. Selister mostra um corpo paralisado como se estivesse incrédulo com o que aconteceu e oferece o testemunho da enchente com um autorretrato em uma paisagem que evoca uma situação que foi desoladora. Uma pele de cromatismos em tonalidades ocres mostram paisagens que murmuram atrás do corpo do artista, formando linhas que correm paralelamente sobre superfícies pigmentadas nas paredes dos edifícios (Imagem 2) ou nas vegetações ressecadas que contrastam com o verde da antiga paisagem (Imagem 3) e lembram as águas imundas que vieram sem convite.

Esses efeitos pictóricos, que até podem conter beleza, na verdade, retratam situações desesperadoras, de memórias perdidas, de laços interrompidos, de perdas de vidas e de ruínas de bens patrimoniais. Se as suas fotografias não mostram a morte em curso, elas evocam a possibilidade da morte quando se visualiza a altura das marcas que poderiam cobrir um corpo.

Na fotografia, *Marca d'água, MARGS* (2024) (Imagem 4), Selister se posicionou ao lado da porta de entrada do MARGS, em frente ao letreiro que identifica o Museu, vestido com roupas escuras, uma camiseta com um coração estampado no peito, mostrando a marca da água impressa na parede chegando à altura do topo de sua cabeça, o que significa que seu corpo teria sido coberto, se ali estivesse quando veio a inundação.

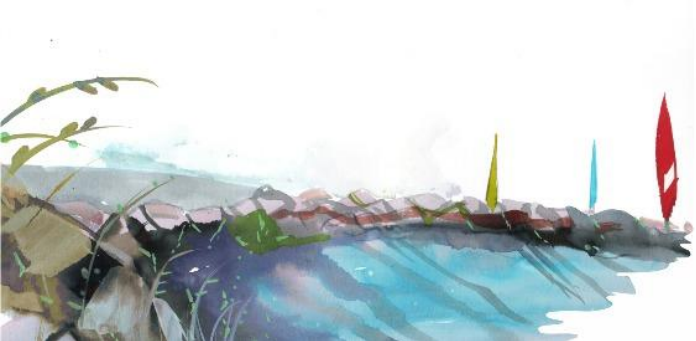


Imagem 4. Leandro Selister. *Marca d'água, MARGS*, 2024. Fotografia com celular, 50 x 40cm. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.

De fato, o andar do térreo/subsolo do Museu ficou tomado pela água “durante mais de três semanas e o pico da água no interior do térreo variou entre 1,50 e 2 m” (Dalcol, 2025, p. 37) com os repiques da enchente, como se pode ver em fotos do balcão da portaria quase submerso, as quais foram divulgadas na imprensa. Nesta parte do museu se encontravam os setores de estrutura operacional⁴ e uma das quatro reservas técnicas do acervo de obras de arte, a mais antiga e a maior. Esforços urgentes foram mobilizados no sentido de subir várias obras para andares superiores do museu, enquanto ainda era possível permanecer no seu interior. O Diretor-curador do Museu, Francisco Dalcol (2025, p. 39) afirmou que “cerca de 4 mil itens do acervo foram de algum modo afetados por exposição à água e à umidade intensa e prolongada”, especialmente obras em papel, como gravuras, fotografias e desenhos. Assim que possível, após a inundação começaram os trabalhos de restauração das obras que sofreram algum dano físico.⁵

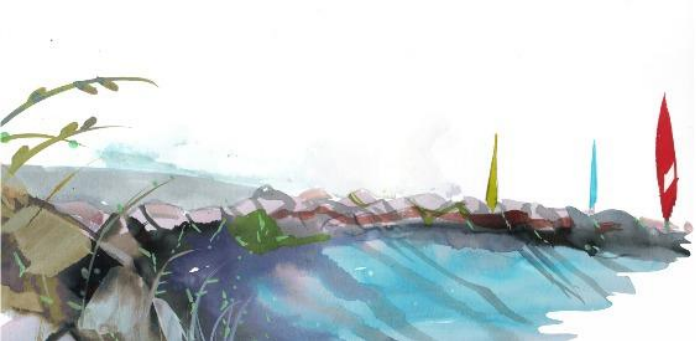


A fotografia de Selister em frente à parede do Museu participou da exposição *Post Scriptum – um museu como memória*, com curadoria de Francisco Dalcol, (Imagem 5) realizada de 06 de dezembro de 2024 a 09 de março de 2025 – portanto, sete meses após a enchente – e marcou a reabertura do museu como uma exposição temática e memorialista. Para essa mostra foi realizada uma impressão sobre papel que foi adesivada na parede interna da sala expositiva, apresentada na escala real da altura do artista, como foi dito, 1,71m, de forma a potencializar o sentido trágico de um corpo que poderia ter sucumbido à água. Esse tamanho real de um corpo humano, conceitualmente, poderia produzir uma empatia pela situação do outro, pois fazia o espectador se colocar no lugar do artista ou, ao menos, se confrontar fisicamente com a imagem.



Imagem 5. Leandro Selister. *Marca d'água, MARGS*. Imagem impressa sobre papel, 4m x 3m. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.

A sua obra dialogava com outros trabalhos do acervo com temáticas que abordavam: a presença de águas; o espaço geográfico do entrono do museu como a Praça da Alfândega; aterros do Guaíba; as fotografias da cidade mostrando a enchente de 1941; imagens da parte térrea do museu inundado na enchente de 2024; e, ainda, obras afetadas pela enchente, as quais foram recuperadas.



Importante destacar que durante a mostra ocorriam procedimentos de recuperação das obras diante do público que frequentava a exposição.

A fotografia da marca de água na parede do MARGS passou a fazer parte do seu acervo; um outro conjunto de 12 imagens se encontram no Acervo da Pinacoteca do Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É muito importante que *Série Marca d'água* esteja presente em Acervos Públicos e que seja mostrada em exposições, não somente para preservar a memória dessa situação traumática, mas, também, para conscientizar a sociedade sobre a importância da preservação do meio ambiente. Neste sentido, a fotografia pode ser o meio de guardar memórias, como diz Susan Sontag:

Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de aprender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou um provérbio. Cada um de nós estoca, na mente, centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente (Sontag, 2003, p. 23).

A função da memória está ligada ao sentimento de perda. “A memória parece exigir esforço e trabalho, enquanto o esquecimento, por outro lado, apenas acontece” (Huysen, 2014, p. 157). O tempo pode amenizar a dor, mas esta jamais será esquecida, pois as incisões na memória ficarão para sempre. Se esses edifícios terão as marcas das águas apagadas por restaurações para que o trauma seja esquecido, o que restará como memória da tragédia são as imagens, são registros como esses das fotografias de Selister que representam uma resistência ao esquecimento. Portanto, as suas obras permitem pensar a relação entre arte e documento na contemporaneidade, porque evocam a noção de testemunho. Para André Rouillé (2009, p. 97), “uma das funções da fotografia-documento terá sido a de erigir um novo inventário do real, sob a forma de álbuns e, em seguida, de arquivos”. Leandro construiu um arquivo de paisagens urbanas fruto de um fato climático traumatizante que, por sua descrição de linguagem objetiva do acontecimento do pós-evento, podem carregar uma intenção documentária, mas, ao mesmo tempo, as suas fotografias manifestam qualidades estéticas expressivas da percepção e da empatia do artista pela cidade de Porto Alegre. Essas obras são dotadas de uma concepção arquivística pela quantidade significativa de tomadas



fotográficas de várias partes da cidade que foram atingidas pela enchente e por funcionarem como documento. A objetividade de representação que suas fotografias emanam parece ser uma tentativa do artista de se ater à integridade do motivo para melhor criar evidências de que a altura atingida pela água faria qualquer pessoa sucumbir naqueles espaços fotografados. É como se ele escrevesse, com imagens, a história desses espaços inundados.



Imagem 6. Leandro Selister. *Marca d'água, Avenida Rio Grande, Bairro São Geraldo, 2024.* Fotografia com celular, 50 x 40cm. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.

A luminosidade do sol registrada nos momentos em que o artista fez algumas das fotografias, (Imagem 6) pode representar a resiliência como a única possibilidade de esperança de que se podia começar a reconstrução dos espaços para retomar as vidas antes existentes nos lugares. Como lidar com essa tragédia, como se reerguer para seguir a vida? Encontrar forças para seguir existindo foi uma luta de muitos meses e que, para alguns, ainda continua, pois neste mês de maio de 2025, enquanto este texto é escrito, um ano depois, ainda há em torno de quatrocentas pessoas que se encontram vivendo em abrigos, sem ter para onde voltar. As imagens produzidas por Leandro Selister podem ajudar a entender a dimensão do



trauma de viver dias e dias sem acesso às casas e aos locais de trabalho, como essas imagens apresentam realidades, como essas imagens interrogam o comportamento de vida nas cidades.



Imagem 7. Leandro Selister. *Marca d'água*, Avenida São Carlos, 2024. Fotografia com celular, 50 x 40cm. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.

Quando as águas baixaram, o que dizer de ter que conviver em frente às próprias casas, por dias e dias, com as montanhas de lixo dos destroços das suas residências, que atraem animais perigosos para a saúde. Há fotografias que são emblemáticas do pós-enchente (Imagens 7 e 8). O artista se coloca entre o entulho retirado de uma residência e a parede da casa. Diante das ruínas do que sobrou da enchente, o que fazer? Era preciso conviver com destroços de memórias de identidades, como os mobiliários que viraram lixo, até que fossem retirados por mutirões de limpeza. Onde estão as fotografias, os diários, os documentos identitários, os registros de infâncias, as imagens dos eventos comemorativos, as narrativas escritas, os presentes recebidos, as mobílias compradas com tantos sacrifícios, os objetos de afetos? Certamente estão nas montanhas de lixos, tudo



irrecuperável. O que antes era afeto, depois trouxe matérias e odores fétidos, trouxe a dor de ficar se confrontando com memórias que apodreciam em frente aos seus olhos. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje (...)” (Le Goff, 1990, p. 410). Tantos volumes fora, e tanto vazio dentro do que antes fora uma casa. Nos descartes das enchentes, pessoas procuravam por coisas que poderiam reaproveitar.



Imagem 8. Leandro Selister. *Marca d'água, Avenida Rio Grande*, 2024. Fotografia com celular, 50 x 40cm. Créditos fotográficos do artista. Fonte: cortesia do artista.

As fotografias das marcas da enchente são uma forma de rememoração do passado que nos definem no presente, como lembra Andreas Huyssen (2000, p. 67) ao falar do passado : “como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão de futuro”. Embora para muitos a vida já tenha se normalizado, sempre fica o receio de que a enchente possa acontecer novamente. O pesquisador Christian Kristensen, do Núcleo de Pesquisa em Trauma e Estresse da PUC/RS, afirma:



Mesmo atingindo cada um de forma diferente, as marcas da enchente ajudam a construir um senso de coletividade – marcas ativam memórias de dor, de sofrimento e de perdas, para outros é uma marca de superação por tudo o que passou e conseguiu enfrentar e seguiu a vida a partir daí. Para muitos a ferida ainda está aberta e é aí que tem que ter cuidado.⁶

Para o sociólogo Manuel Tironi, esta nova era não só deveria provocar um senso de urgência, mas também convidar a reflexão sobre como cada pessoa tem a capacidade de fazer uma transformação no seu cotidiano:

A transformação tem que nos convidar a repensar nossas práticas em uma escala mais individual – seja como habitamos este planeta; como nos relacionamos com a natureza e nossas comunidades; o que é a natureza para nós; como imaginamos um projeto coletivo, governança e política e como nos projetamos coabitando a diferença.⁷

Se, como disse Huyssen, é das experiências do passado que construímos o futuro, é preciso, então, a partir das memórias da dor e do sofrimento, buscar um senso de coletividade, no sentido apontado por Kristensen e, desta forma, como alerta Tironi, repensar as práticas do modo de habitar o mundo para se ter uma vida mais saudável na terra.

III - Considerações finais

A dimensão, a amplitude e a gravidade de uma tragédia como aquela que assolou o Estado também se devem às escolhas urbanísticas, econômicas e políticas realizadas pelos gestores públicos. Se existissem protocolos de prevenção e de segurança, as consequências do desastre climático poderiam ter sido amenizadas. Não se pode naturalizar a catástrofe, deixando-a cair no esquecimento. Sem dúvida, pode-se dizer que a conscientização do público para a preservação do meio ambiente é importante, mas insuficiente. Outras ações estruturais, institucionais e comunitárias podem ser adotadas, entre as quais se pode citar: o reassentamento de moradores que vivem em área de risco em lugares mais seguros; a manutenção dos sistemas de drenagem urbana para o controle de cheias; o reflorestamento à beira de rios para reduzir erosões e assoreamentos; aperfeiçoamento de políticas



públicas de preservação ambiental, combatendo ações nocivas à natureza, como o desmatamento, o descontrole em áreas de mineração e exploração de solos; a existência de alertas meteorológicos eficazes com planos de rápida evacuação, buscando apoio científico de universidades; realização de planos de contingência a níveis municipais, estaduais e federais; destinação de verbas para prevenção de catástrofes e de subsídios emergenciais para pessoas atingidas por enchentes; e o incentivo à educação comunitária com líderes de bairros, parcerias com ONGs, entre tantas outras medidas de prevenções ou, se for o caso, de auxílios para pós-catástrofes.

Tais considerações acima se referem ao que seria preciso fazer para evitar catástrofes. Não sendo os artistas gestores públicos, como podem ajudar a pensar sobre questões climáticas? As obras fotográficas se tornam instâncias de pensamento crítico e de saberes capazes de mostrar a necessidade de rever as formas de coabitar no mundo. O artista é capaz, como diz Danièle Méaux (2022, p. 14), “de questionar as nossas relações com a catástrofe, nossas concepções de progresso e de natureza (...). As convulsões atuais do mundo interpelam aos artistas que se dedicam a escultá-la.” À luz do que foi exposto, pode-se pensar sobre o que reflete Stuart Hall, no seu livro *Cultura e Representação* (2016) quando fala sobre as imagens, quais histórias são narradas, como são as interpretações, o que elas podem representar, as emoções a elas associadas e os valores atribuídos. Neste sentido, o que fazem as fotografias de Selister é trazer à tona memórias de uma experiência coletiva de traumas vivenciados que ficarão imbricados na vida da geração que sobreviveu à enchente e que servem como alerta também para futuras gerações para que cada um colabore no sentido da preservação do meio ambiente, desde o público em geral aos gestores governamentais, para que efetivamente realizem ações de prevenção e de apoio em caso de tragédias. As obras de Leandro Selister trazem o aspecto material – conteúdo físico das imagens dos espaços urbanos; simbólico – a sobrevivência da terra; e funcional – conscientizar para atitudes que lutem por um meio ambiente saudável, com menos poluição e menos lixos que comprometam os rios e as cidades. Desta forma, pode-se evitar eventos extremos que colocam em risco a vida no planeta.



REFERÊNCIAS

DALCOL, Francisco (org.). **Post Scriptum - um museu como memória**. Porto Alegre: AAMARGS, 2025.

HALBWACHS. Maurice. **A Memória coletiva**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

HUYSSSEN. Andreas. **Culturas do Passado-presente – modernismos, artes visuais, políticas de memória**. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

HUYSSSEN. Andreas. **Seduzidos pela Memória. Arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KRISTENSEN Christian. **Depoimento ao repórter Cristino Dalcin**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12881704>. Acesso em: 15 mai. 2025.

LE GOFF Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MÈAUX, Danièle. **Photographie contemporaine & anthropocène**. Paris: Filigranes, 2022.

ROUILLÉ, André. **A fotografia - entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac: São Paulo, 2009.

SELISTER, Leandro. **Depoimento ao repórter Cristino Dalcin**. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12881704>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SELISTER, Leandro. **Revista Semanal PARÊNTESE do Grupo Matinal**. 24 jun. 2024. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/ensaios-fotograficos/marca-daqua/Acesso> em: 03 jun.2025.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC/Rio; Apicuri, 2016.

TIRONI, Manuel. **Depoimento**. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/01/o-que-e-o-antropoceno-e-por-que-esta-teoria-cientifica-responsabiliza-a-humanidade>. Acesso em: 16 mai. 2025.

NOTAS

¹ Professora do PPGAV/UFRGS e Doutora em Artes Visuais pela mesma instituição. Realizou Doutorado Sanduíche com Dr. Michel Poivert na Université Pantheon-Sorbone, Paris I, França. Fez Mestrado em Artes com Dr. Walter Zanini (ECA/USP). Membro do CBHA e da ABCA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3571396582424711>. ORCID: 0000-0003-2142-6142. E-mail: niura.legramante@gmail.com

² Depois da enchente de 1941, esta enchente de 2024 foi, talvez, ainda pior na sua extensão. Naquela enchente de 1941 choveu por 24 dias interrompidos e 70 mil pessoas ficaram desabrigadas, o que equivale a um quarto da população da época, alagando a área central de Porto Alegre, como atestam imagens no Acervo do Museu Joaquim Felizardo. Durou cerca de 40 dias. Dez mil prédios atingidos. Se, em 1941, o nível do Guaíba chegou a 4,46m, o de 2024 atingiu mais de 5,3m, no dia 04 de maio, o que já por isso torna esta última mais grave.

³ Depoimento de Leandro Selister ao repórter Cristiano Dalcin. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12881704>. Acesso em 15 mai. 2025.

⁴ Nesta parte inundada também estavam computadores, equipamentos e mobiliários, instalações elétricas, hidrossanitária, internet, telefonia, elevador, sistema de climatização, alarme de incêndio e circuito de câmeras. É triste pensar que em 2022 o museu passara por uma reforma arquitetônica com nova pintura e climatização e com a enchente vieram os danos.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

⁵ Os trabalhos de restauração foram coordenados por Isis Fófano Gama, conservadora e restauradora do Departamento de Conservação e Memória do Patrimônio Cultural do Complexo do Palácio Piratini com a supervisão e atuação de Naida Corrêa, conservadora e restauradora que trabalhou no Museu durante 24 anos e que, portanto, conhecia bem o acervo das obras.

⁶ Depoimento de Christian Kristensen,

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12881704>, s.p. Acesso em 15 mai. 2025.

⁷ Depoimento de Manuel Tironi. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/01/o-que-e-o-antropoceno-e-por-que-esta-teoria-cientifica-responsabiliza-a-humanidade>, s.p. Acesso 16 mai. 2025.